

**POESIA, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: UM TRIÁLOGO POSSÍVEL**

[POETRY, PHILOSOPHY AND EDUCATION: A POSSIBLE TRIALOGUE]

**Genildo Firmino Santana***genildowiller@yahoo.com.br*

*Mestrando em Filosofia na UFCG. Pós-graduado em História do Brasil pela FAFOPAI (Faculdade de Formação de Professores de Afogados da Ingazeira). Professor na Fasp (Faculdade do Sertão do Pajeú), em Afogados da Ingazeira. Poeta e Escritor.*

**Flávio Carvalho***flavio.carvalho@ufcg.edu.br*

*Curso graduação, mestrado e doutorado na Universidade Federal de Pernambuco. Trabalha na Universidade Federal de Campina Grande, onde ministra aulas, realiza orientações de Iniciação Científica, de Monografias e Dissertações, respectivamente, no curso de Graduação em Filosofia e no Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), no qual é professor permanente e, atualmente, trabalha como coordenador. Ele atua na liderança do Grupo de Pesquisa Hermenêutica Filosófica em Michel Foucault (UFCG/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Educação e Ensino de Filosofia (UFCG/CNPq). Ele é membro do Núcleo Estruturante do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar da ANPOF. Suas investigações e publicações se dedicam à Filosofia Contemporânea Francesa (Castoriadis, Foucault e Deleuze) e ao Ensino de Filosofia (Filosofia do Ensino de Filosofia e Formação de Professores).*

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

Recebido em: 14 de junho de 2019. Aprovado em: 05/08/2019

Caicó, ano 12, n. 1, 2019, p. 203-220, ISSN 1984 - 5561  
Dossiê Introdução à Filosofia e Filosofia do Ensino de Filosofia



DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

## **Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível**

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

**Resumo:** Neste artigo pretende-se trabalhar o triálogo entre a Poesia, a Filosofia e a Educação numa perspectiva pedagógica e filosófica partindo-se do princípio de que a comunicação entre as áreas do saber favorece a relação ensino-aprendizagem. A Poesia, mais precisamente o cordel, pode ser utilizada como ferramenta pedagógica em várias áreas do ensino, como também pode ser propícia ao Ensino de Filosofia nos anos do Ensino Fundamental e Médio. A relação entre as três pode ser, metodologicamente, um contributo ao ensino no sentido de linguagem e método possíveis de aplicabilidade no processo cognitivo do discente. Nossa metodologia consiste em aplicar a literatura de cordel após a leitura de textos filosóficos. Apoiar-nos-emos em textos de filósofos previamente escolhidos e em textos da literatura de cordel, mais precisamente nos cordéis do Professor e poeta Lindoaldo Campos. Historicamente, Poesia e Filosofia mantém um íntimo diálogo. A proposta que segue pretende conduzir esse diálogo à educação, efetivamente. A prática da Poesia em sala de aula já constitui uma realidade em vários educandários. O passo que se dá aqui é a utilização da Poesia nas aulas de Filosofia, mais precisamente, e a possibilidade de tal prática favorecer a educação, bem como a atitude do filosofar.

**Palavras-chave:** Poesia. Filosofia. Educação. Pedagogia.

**Abstract:** In this article, we intend to develop the dialogue between Poetry, Philosophy, and Education in a pedagogical a philosophy perspective, departing from the principle that the communication between the areas of knowledge favors the relationship teaching-learning. Poetry, more precisely the cordel, can be used as a pedagogical tool in various areas of knowledge. The relationship between the three can have, methodologically, a contribution to teaching in the sense of possible language and method of applicability in the cognitive process of the student. Our methodology consists in applying cordel literature after reading philosophical texts. We will rely on texts of previously chosen philosophers and texts of cordel literature, more precisely on the lines of Professor and poet Lindoaldo Campos. Historically, poetry and philosophy maintain an intimate dialogue. The proposal that follows is to bring this dialogue to education, empirically. Instead, the practice of poetry in the classroom is already a reality in many schools, our goal is, favoring learning and the attitude towards philosophy, the use of poetry in Philosophy classes, more precisely.

**Keywords:** Poetry. Philosophy. Education. Pedagogy.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

### INTRODUÇÃO

Nesse artigo trata-se da proposta de uma prática na utilização do cordel como suporte pedagógico às aulas de Filosofia, no Ensino Fundamental II, mais precisamente. Sendo uma fala rimada, a Poesia possui esse poder de atração, gerando uma atenção no discente que lê e apresenta, em versos de cordel, os temas previamente trabalhados em sala de aula. Sem substituir os conteúdos e autores propostos, mas complementando, propomos a utilização da Literatura de Cordel em sala de aula e, através dos poetas cordelistas, força de expressão muito forte no Nordeste, notadamente no interior, trabalharemos biografias de filósofos e temas que foram escritos e publicados por poetas cordelistas de renome nacional.

Sendo uma das regiões onde encontramos um grande número de poetas do Brasil, no Nordeste brasileiro, notadamente no interior, a Poesia é uma constante na vida cotidiana das pessoas. Essa potencialidade criadora de rimas, temas, improvisos, levada para a sala de aula, torna-se um contributo e uma inovação dinâmica no processo pedagógico e na relação ensino-aprendizagem de Filosofia, bem como ao próprio filosofar.

Em princípio, trataremos do diálogo entre a Poesia e a Filosofia, para, só posteriormente, tratarmos da possibilidade de esse diálogo ser levado à sala de aula e se constituir numa prática pedagógica possível, tornando-se, assim, um triálogo.

Limitar-nos-emos à aplicabilidade do cordel no ensino de Filosofia na Educação Básica, mais precisamente, em turmas do 6º ao 9º Anos. Através da ludicidade da Poesia feita no Nordeste, logramos elevar o nível de leitura e de compreensão dos discentes, que, em alguns casos, uma vez aprendidas as técnicas básicas de rimas, estrofes e métricas, poderão ser levados à confecção dos seus próprios cordéis.

A confecção dos cordéis<sup>1</sup> é um passo posterior. Uma vez aprendidas – e apreendidas – as técnicas da métrica, rima e oração, constituintes da Poesia Popular nordestina, no seio da qual se insere o cordel, os estudantes podem fazer seus próprios cordéis. Cordéis que podem versar, inclusive, sobre os temas próprios da Filosofia.

Ensinar Filosofia tem sido um grande desafio. Fomentar o pensamento filosófico, possibilitando, por meio deste, a liberdade e autonomia de pensamento se faz cada vez mais necessário. Encontrar uma linguagem que possibilite o diálogo com o docente, linguagem crível de entendimento constitui um dos maiores obstáculos ao ensino de Filosofia.

Para que o ensino alcance o seu objetivo, que é a aprendizagem do aluno, é preciso ir além dos instrumentos tradicionais de ensino, como pincel e quadro e para além de seus métodos. Eis a importância da literatura de cordel, enquanto modo de escrita, como ferramenta didática para o ensino de Filosofia.

Também urge que se vá para além da linguagem. A literatura de cordel possui uma linguagem que lhe é peculiar. Essa linguagem, colocada a serviço do ensino pode se constituir em um ganho admirável, a partir da ótica pedagógica.

---

<sup>1</sup>O cordel é uma produção poética feita no Nordeste brasileiro. Consta de um livreto, escrito em sextilhas ou décimas, sem número definido de estrofes, nem de páginas. A capa é feita em xilogravura. Eram vendidos nas feiras, pendurados em barbantes, d'onde vem o nome cordel. Hoje é encontrado em festivais de cantadores, encontros de poetas, livrarias, sebos.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

Nossa pesquisa se dará no intuito de encontramos meios didáticos, pedagógicos de ensinar Filosofia por meio da Poesia de cordel. Com isso, esta literatura popular, além ser valorizada, finda por se tornar também instrumento plausível no ensino de Filosofia.

No livro *Poesia na sala de aula*, o professor Hélder Pinheiro lança duas perguntas que são de vital importância para a relação entre a poesia e a educação, eis como o professor as formula:

Vale a pena trabalhar a poesia em sala de aula? Qual a função social da poesia? A resposta a essas duas questões poderá abrir nossos olhos para o que estamos perdendo ao marginalizar a poesia no cotidiano da sala de aula. Nossa resposta à primeira questão é afirmativa. É evidente que vale a pena trabalhar a poesia na sala de aula (PINHEIRO, 2018, p. 14).

Parte o professor do princípio de que vale a pena trabalhar a Poesia em sala de aula. Não ensinar a Poesia pela Poesia em si. O que já seria de grande proveito. Porém, pode-se ir além, abordando temáticas várias através da Poesia, tais como biografias, histórias do Nordeste, críticas sociais. No nosso caso proposto, da Poesia de cordel.

É possível, pois, um triálogo entre a Poesia, a Filosofia e a Educação? Um triálogo que permita e possibilite ao educando um aprendizado de conteúdo filosófico, que lhe propicie uma atitude filosófica? Um triálogo que contribua positivamente, também com uma metodologia possível de aplicabilidade, e, porque não dizê-lo, possibilite uma linguagem nova, na Educação, a saber, a linguagem da poética?

Perguntas demais para repostas de menos. O objetivo desse artigo é justamente discutir as possibilidades de tal triálogo, suas vias de concretização e seus contributos epistêmicos e pedagógicos.

Triálogo torna-se condição necessária à implantação da Poesia, em sua manifestação cordelística, em sala de aula. Triálogo para aprender, triálogo para crescer junto.

Na obra *Literatura de Cordel, Do Sertão à sala de Aula*, publicado em 2013, Marco Haurélio, poeta e professor baiano, assim se expressa:

Acreditando na cultura popular como sinônimo de resistência, e no cordel como manifesto dessa cultura que não entrega os pontos, vou espargindo versos sobre o papel com o mesmo respeito e cuidado do agricultor que lança a semente e, com ela, a esperança, no ventre da terra (HAURÉLIO, 2013, p. 9).

A Filosofia, assim como a Educação, pode colher esse fruto poético se também plantar, qual o agricultor, a semente da Poesia no solo fértil da sala de aula.

Esse artigo tratará, em um primeiro momento do possível diálogo entre a Filosofia e a Poesia. A seguir, tratará dos contributos e das possibilidades da Poesia em sala de aula. Por fim, verá o cordel e Filosofia numa prática pedagógica triálogal.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>**Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível**

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

**FILOSOFIA E POESIA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL.**

Entendendo o *diálogo*, numa concepção livre, poética, como um debate entre dois (DI) iguais, onde nenhum (A) dos dois possui a razão (LOGOS), pois se assim fosse não haveria mais possibilidade de dialogar, onde duas teses distintas se encontram e findam por se tornar uma nova tese, é possível um diálogo entre a Filosofia e a Poesia. Diálogo propositivo em prol de um objetivo comum. Sem sobreposições. Sem verdades únicas, universais. Sem versão única de realidade, uma vez que cada uma capta, ao seu modo próprio, a realidade que se apresenta. A partir dessa compreensão não é absurdo pensar em um diálogo entre a Filosofia e a Poesia.

Podemos pensar em um diálogo, onde ambas, enquanto modos de compreender a realidade, possam expressar suas versões, sem negar as possibilidades alheias à sua própria tese. Salvaguardando as peculiaridades, pode-se abrir ao outro diferente olhar sem deixar de ser o que se é. Assim entendemos o diálogo.

A Filosofia e a Poesia têm algo em comum. Esse algo comum pode ser identificado no *espanto*, na admiração, ao qual se atribui o filosofar e o fazer poético. Tanto a Filosofia quanto a Poesia só podem ser e acontecer a partir do *espanto*. A admiração que gera o ver mais, o ver além do que se apresenta aos olhos. Adélia Prado (poeta mineira) diz em um dos seus poemas: “De vez em quando Deus me tira a poesia. Olho pedra e vejo pedra mesmo.” (PRADO, 1999, p. 87). Adélia Prado nos diz como se dá a Poesia: vendo além do que se vê. O que requer percepção e sensibilidade. O não ver além é a ausência do *espanto*. Ausência daquele momento originário possibilitador da Poesia, bem como da Filosofia. Ausência que não permite o nascer da Poesia. Assim também a Filosofia: sem a admiração, sem o espanto não acontece. Também a Poesia busca esse ver além. Também ela requer percepção e sensibilidade.

A Poesia precede, historicamente, a Filosofia. Antes a humanidade poetizou, depois filosofou. Poetizou com Homero (928-898 a.C.), Sófocles (497-406 a.C.), Hesíodo (séc. VIII-séc. VII a.C.). Ficaram conhecidos como poetas rapsodos, ou seja, iam de cidade em cidade recitando poemas (principalmente epeias). Tidos como meros contadores de histórias. Fato que não dá, necessariamente, um caráter evolutivo ao filosofar ou jurássico, antigo, ao fazer poético. Ambas formas de criação, de expressão e de ver o mundo coexistiram ontem e coexistem hoje. Nada vaticina que não coexistirão amanhã.

Esse hibridismo entre Poesia e Filosofia fica claro no poema do filósofo Parmênides de Eleia, *Sobre a natureza*, no qual o pré-socrático valeu-se da tradição poética de seu tempo para iniciar sua conversa com o leitor e desse modo apresentar a questão filosófica da qual trataria sem causar estranheza.

Muito antes de aqueles homens filosofarem naquelas ilhas gregas da antiguidade, Hesíodo, autor de *Os Trabalhos e os Dias* e *Teogonia*, um camponês que vivia nas proximidades de Téspias, na Beócia, já poetizava sobre a vida simplesmente ao dizê-la. Homero, autor da *Iliada* e da *Odisseia*, foi outro antigo grego que verbalizou poeticamente o mundo. Homero, em seu fazer poético, deu contribuição enorme ao pensamento grego. A Poesia de Homero influenciou substancialmente a cultura e a Educação grega.

Platão faz uma menção de Homero como educador. Platão vê em Homero um reconhecido poeta, concordando com os seus admiradores, um educador capaz de guiar as

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

peças. Põe Homero como um verdadeiro exemplo de vida e dá-lhe uma importância notável em todo o contexto da *Paideia*. Jaeger nos diz que

A concepção do poeta como educador do seu povo – no sentido mais amplo e profundo da palavra – foi familiar aos gregos desde a sua origem e manteve sempre a sua importância. Homero foi apenas o exemplo mais notável dessa concepção geral e, por assim dizer, sua manifestação clássica (JAEGER, 1986, p. 61).

Uma das características do fazer poético é a liberdade de criação e de expressão. Liberdade ao criar e ao dizer o que criou. Tanto que se fala em “Licença poética”. Assim, podemos dizer que a Poesia liberta o homem, expande seus horizontes, torna-o criador. Esse é o sentido lato da expressão *poiesis*, qual seja, *criação*. E criar com liberdade.

Na Grécia antiga, os poetas eram mal vistos, ou melhor dizendo, uma forma de Poesia era mal vista, uma vez que os poetas trágicos e líricos, conhecidos como miméticos, utilizando da liberdade que tinham, atribuíam aos deuses as causas de todos os males que assolavam os homens, construindo, assim, uma visão negativa dos deuses. Fato que causou uma cisão entre poetas e filósofos que Gadamer (1902 – 2002) chamou de *velhadivergência*.<sup>2</sup>

A velha divergência ficou clara em Platão. Segundo Jaeger,

O diálogo entre Sócrates e Glauco descrito no Livro X da *República* (PLATÃO, 1970) reatualiza a *palaiadiaphorá* no sentido de procurar destituir os poetas da autoridade que ainda possuíam na educação e na opinião comum. A perspectiva do diálogo platônico é defender que tanto no plano do indivíduo quanto na Pólis somente uma educação inspirada na discussão filosófica consegue promover as disposições necessárias para combater a corrupção do êthos, ou seja, a vontade pessoal de cada um determinada pelos padrões morais, virtudes afetivas, atitudes comportamentais e capacidade intelectual (JAEGER, 1986, p. 79).

Não que Platão negasse a Poesia em si. Ele não dava à Poesia o status de pensante, capaz de conduzir tanto o indivíduo quanto a *pólis* à virtude – *areté* – almejada por ele. À *pólis* cabe bem o filósofo, inclusive para ser seu governante, não o poeta.

O que concerne dizer é que reside aqui mais uma semelhança entre a Filosofia e a Poesia. Também a Filosofia se rebelou aos deuses, se assim podemos nos expressar. Ao buscar sua fonte no *Racional*, a Filosofia se libertou da *crença* mitológica.

É preciso considerar, também, o papel que os poetas ocupavam na cultura grega, de modo particular, no processo educativo. Os poetas eram os principais educadores das gerações gregas. Entre eles, Homero, o grande educador grego, como já vimos

<sup>2</sup>Desde os pré-socráticos estabeleceu-se uma diferença entre a forma de pensar dos poetas e dos filósofos, cabendo aos primeiros buscar inspiração nas fontes mitológicas para a interpretação da história e das coisas existentes no mundo. Quanto aos filósofos, seu papel seria refletir sobre o significado da natureza humana e dos demais seres existentes a partir do primado da Razão.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.32>**Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível**

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

anteriormente. Por isto, esses poetas eram senhores de grande prestígio, principalmente entre os jovens.

Uma outra semelhança entre a Poesia e a Filosofia é que ambas são pensadas e sentidas. Criadas na alma humana, elas tem necessidade de materialização. Pensadas, sentidas e depois escritas. Podem ser transpostas, como de fato a Filosofia e a Poesia o foram.

Veja-se o caso de Sócrates, tido na tradição no mínimo com um pilar da Filosofia, por exemplo, que não escreveu. O que dele sabemos em termos de biografia e de pensamento advém de seus discípulos, mais precisamente Aristófanes, Xenofonte e Platão. O filósofo estadunidense Will Durant (1967, p. 15) diz em sua obra, *Os Grandes Pensadores*, que: “Sócrates é metade homem, metade mito”. E afirma ainda: “Parece-nos certo que, em boa medida, Sócrates deve sua fama à fértil imaginação de Platão, que empregava o magnífico perambulador como alto-falante de sua própria filosofia”. E conclui afirmando que “O quanto do Sócrates de Platão foi realmente Sócrates, nunca o saberemos”.

Tanto a Filosofia quanto a Poesia têm essa característica. Não precisam, necessariamente, ser escritas. O escrever é ato secundário. Antes, elas são pensadas na alma humana e nela sentidas. Só posteriormente, são transmitidas às outras almas, seja por escrito ou não. Ilustra essa fala o caso de Patativa do Assaré (1909-2002) que, sendo analfabeto, não escrevia suas poesias. Pensava-as, fazia-as e decorava-as para declamá-las. Só posteriormente foi que as ditou para uma filha que escreveu, vindo essas poesias a serem publicadas.

Já na Roma Antiga (SILVA, 2016), a influência grega se fez notar. A tradição grega está presente em todas as manifestações da literatura latina, que é formada por três gêneros: Poesia épica, lírica e satírica. A literatura, uma das ferramentas ideológicas a serviço do Império Romano, traz gêneros já existentes e novidades essenciais, como a retórica, a fábula, e a oratória. Durante o império de Augusto, corresponde uma intensa produção tanto em Poesia lírica, com Horácio e Ovídio, quanto em poesia épica, com Virgílio autor de *Eneida*. (obra criada para rivalizar os poemas Homéricos). A Poesia em Roma tem expressões como Lucrécio (99-55 a.C.), Catulo (87-57 a.C.), Horácio (65-08 a.C.), (o do famoso *Carpe Diem*), Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), Virgílio (70-19 a.C.), este que Dante Alighieri usou como personagem na sua *Divina Comédia*, guiando Dante pelo submundo do inferno, pelos caminhos do purgatório e do paraíso, em busca de Beatriz. Na Filosofia, os romanos não produziram nenhuma corrente de pensamento original. Sua principal orientação voltou-se para a moral, com a adoção de valores éticos gregos e da Filosofia helenística.

No medievo, a Poesia procurou enaltecer os valores e as virtudes do cavaleiro: justiça, amor, prudência e cortesia. Na Poesia épica exaltava-se a ação corajosa dos cavaleiros em prol da cristandade, como o caso de Rolando e os pares da França. Na Poesia lírica, exaltava-se o amor cortês dos cavaleiros em relação às suas damas. Com cantigas de amigo, bardos medievos perambulavam pelos castelos e por feudos, enaltecendo os reis, os cavaleiros e as nobres damas. Essa, a forma mais popular de Poesia. Distinta dessa forma poética, o grande poema *Divina Comédia* de Dante Alighieri não se insere nesse contexto. Denunciadora de toda uma mentalidade cristã, a *Divina Comédia* tornou-se o clássico medieval. A Filosofia medieval era vista como submissa à Teologia. Servia à Teologia. A Filosofia medieval tentou conciliar a religião com a Filosofia, ou seja, a consciência cristã com a razão filosófica e científica. (FRANCO JÚNIOR, 1995).

Neste percurso, devemos destacar, por exemplo, o posicionamento de Tomás de Aquino (1225-1274). Para ele, Poesia e Filosofia possuíam mais pontos em comum do que

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

se pode imaginar, visto que partem de um mesmo esforço em apresentar a verdade, ou seja, de ver a realidade, utilizando para isto, somente e tão somente, caminhos diferentes.

Tomás de Aquino vê a Poesia como *um* caminho e não *o* caminho. Assim também a Filosofia é *um* caminho e não *o* caminho (BOA, 2015). Constituem ambas, formas distintas de se perceber a realidade que se apresenta. Para Tomás de Aquino, enquanto a Filosofia buscava explicar a realidade de modo analítico, focando suas causas primeiras, isto é, descrevendo o mundo que nos cerca, a Poesia, por sua vez, considera outras dimensões, outros olhares e outras interpretações, menos rigorosas ao certo, mas sempre no esforço de compreender e expressar olhares desta mesma realidade.

Em Tomás de Aquino “a Filosofia e a Poesia têm as mesmas capacidades de conhecimento, de atingir a verdade.” (MORAES, 2015). Isto porque, enquanto a Filosofia analisa e descreve a verdade, a Poesia pode, pela sensibilidade do poeta e pela linguagem poética, revelar aspectos que passam despercebidos ao olhar objetivo do filósofo e do homem comum.

Ganhou a Poesia, a arte em geral, mais precisamente, lugar de destaque no movimento do Romantismo alemão, no século XIX, que se opunha ao Racionalismo e ao Empirismo a ele precedentes. Valorando a estética, a emoção e a subjetividade, não deixou de ser também filosófico. Para dizer com palavras ora em moda, “afirmou sua identidade sem negar outras identidades.” Não se quis, aqui, fazer um resgate inteiro da relação entre Filosofia e Poesia ao longo de séculos, mas apenas destacar em algumas épocas históricas, o diálogo entre estes dois campos do saber.

A Poesia e a Filosofia, não obstante as diferenças que possuem, são expressões da alma humana. Uma racional e outra instintiva, inspirada. Ambas feitas para serem sentidas. Ambas falam de algo mais do que o puramente material. Ambas nos apontam para outros mundos, outras reflexões. Dialogando entre si, podem dar um contributo, como já deram, à Educação. Urge, pois, que não se separem como inimigas digladiando, mas como irmãs se dando as mãos. Esse diálogo, no que implica dialogar, é possível à medida que não haja uma superposição de uma em relação à outra. Por caminhos diferentes também podemos chegar ao mesmo objetivo.

Pode-se passar de uma *velha divergência* a uma *nova convergência*. Uma nova forma de relacionamento porque há uma nova forma de compreensão.

De tudo quanto foi dito e refletido até aqui, urge que pensemos, então, a possibilidade da Poesia em sala de aula e seus possíveis contributos ao Ensino de Filosofia e ao próprio filosofar.

### POESIA EM SALA DE AULA: CONTRIBUTOS E POSSIBILIDADES.

A Poesia que propomos para a sala de aula, em turmas de 6º ao 9º anos é a expressa pela literatura de cordel. Essa manifestação artística é muito presente no Nordeste brasileiro, notadamente, em suas cidades interioranas. Não que a escolha tenha sido motivada pela apologética, por uma defesa do cordel por sermos nordestinos ou pela incapacidade de

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

trabalhar textos outros. É uma escolha pragmática, pelo fato de essa expressão poética do cordel ser identificada/estar presente em todo o Nordeste brasileiro.

A Poesia rimada, diversa da Poesia sem rima, também chamada de *verso branco* – termo preconceituoso – favorece mais o processo mnemônico. Preconceituoso porque entendemos que a afirmação *verso branco* contem em si a expressão *verso negro*, que seria a Poesia Popular. O fato também de ser uma Poesia rítmica, porque metrificada, advoga a favor da memorização e da recitação. Outra competência que se adquire, para além da memorização, é a consciência crítica, uma percepção outra da realidade que se nos cerca.

Gestada na cidade paraibana de Teixeira, limítrofe com a região do Pajeú, em Pernambuco, em meados do século XIX, a Poesia Popular nordestina possui, em seu bojo, forte influência europeia, provençal. Os cantadores de viola que ali nasceram, a saber, Ugolino do Sabuji (1832-1895), Nicandro Nunes da Costa (1829-1918) e toda uma plêiade, inovaram em estilos, toadas, mantendo uma forte característica europeia. O cordel acompanhou o andamento dos cantadores, uma vez que já temos cordelistas no século XIX, como Silvino Pirauá de Lima (1848-1913), João Melquíades Ferreira (1869-1933), João Martins de Athayde (1880-1959), Francisco das Chagas Batista (1882-1930), Jose Camelo de Melo Rezende (1885-1964), sendo o mais famoso deles o paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918).

Leandro Gomes de Barros, inclusive, é considerado o “Pai” do cordel, por ter feito mais de mil folhetos de cordel e ter sobrevivido apenas dessa produção. Leandro Gomes de Barros é considerado o maior folhetista de cordel do mundo.

O cordel, hoje elevado à categoria de Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é a maior expressão da cultura popular do Nordeste.

Autores defendem e advogam a utilização do cordel em sala de aula, inclusive com experiências exitosas já vivenciadas.

Marco Haurélio (2013, p. 13), baiano, poeta popular, professor, folclorista e editor, estudioso do cordel e da relação do cordel com a sala de aula, nos diz que, “Surgida no Nordeste brasileiro, mais precisamente na cidade de Teixeira, no final do século XIX, a literatura de cordel é mais que um gênero poético. É uma manifestação artística genuinamente nacional.”

A utilização do cordel em sala de aula já se constitui em experiência efetiva. A professora Rosa Régis, de Natal, utiliza cordéis em sala de aula com muito êxito. Nossa proposta se coloca nesta perspectiva, porém, com a especificidade de trabalhar com o Ensino de Filosofia por meio do cordel, tema a ser abordado mais para frente. Cumpre acertarmos que a possibilidade de ensinar com Poesia em sala de aula é viável metodologicamente e epistemologicamente. Metodologicamente, resgata uma forma de ensinar, pela Poesia, além de renovar esse diálogo entre a Poesia e a Filosofia. Epistemologicamente, contribui com novos saberes oriundos do universo cordelístico. Sem contar a inovação proporcionada pela linguagem poética, que é, sem dúvida, uma fala diversa da fala pedagógica, pelo lúdico que traz, pelo lirismo, pela riqueza simbólica, características próprias da fala poética.

Lembra o professor Hélder Pinheiro (2018, p. 11) que “de todos os gêneros literários, provavelmente é a Poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula.” Desprestigiado porque não é trabalhado em sala. Fica evidente o esquecimento – intencional?

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

– da Poesia na escola. Esquecimento que pode ser atribuído ao pré-conceito que se tem da função da Poesia e, principalmente, da Poesia nordestina e, nela, do cordel. Esse pré-conceito é histórico e se fez notar em vários aspectos. Os cordelistas não são tratados como escritores e, por muitos, nem como poetas. E, se poetas, poetas de rimas menores.

Marco Haurélio nos diz que

Por muito tempo a literatura de folhetos do Nordeste, rebatizada como literatura de cordel pelos pesquisadores que enxergavam similaridades com a poesia popular de Portugal, de onde importaram o termo, foi tratada como literatura menor, subliteratura e, até mesmo, subproduto do folclore (HAURÉLIO, 2013, p. 15).

Imagens como a Poesia sendo coisa de quem não tem o que fazer, Poesia como algo inferior epistemologicamente, Poesia como coisa de “inspirados”, contribuem para esse esquecimento. O pré-conceito acima mencionado é mais notado ao se tratar da Poesia Popular, categoria onde se encontra o cordel. Tratada como subliteratura, o cordel não teve o status de Poesia propriamente dita. Uma constatação simples advoga essa assertiva: não temos um acadêmico “imortal”, na ABL, que ali esteja por sua ligação com a cultura popular. O mais próximo foi Ariano Suassuna que lá entrou pelo *Romance da Pedra do Reino* e não pelo *Auto da Compadecida*.<sup>3</sup> Esse pré-conceito dificulta o diálogo do cordel com a sala de aula, pelos motivos que já destacamos anteriormente.

Diz ainda o professor Hélder Pinheiro:

Para nós, que trabalhamos com o poema em sala de aula, a consciência de que a poesia é sempre comunicação de alguma nova experiência tem sabor especial. A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como ela é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor (PINHEIRO, 2018, p. 17).

Atesta o professor que a Poesia comunica experiências, que são individuais, para os leitores. A experiência, embora particular, pode ser transmitida à coletividade e ser de proveito. O professor Hélder dá foco à experiência acumulada e existente também no cordel. A experiência, por si mesma e toda força que produz, já seria suficiente para a adoção da Poesia em sala de aula. Minimiza o fato de ser popular ou clássica, de ser um poema de Vinícius de Moraes<sup>4</sup> ou de Zé Laurentino.<sup>5</sup> O que conta, no fim, é a experiência que cada um carrega e que pode ser de bom proveito para o aluno.

<sup>3</sup> Em conversas que o autor teve com Ariano Suassuna, ouviu dele essa assertiva. Ele cria que era acadêmico mais pelo *Romance da Pedra do Reino* do que pelo *Auto da Compadecida*. O que, na visão do próprio Ariano, reforçava o preconceito com a cultura popular.

<sup>4</sup> Poeta brasileiro do Rio de Janeiro, conhecido carinhosamente como “poetinha”. Nasceu em 1913 e faleceu em 1980. Foi um dos maiores compositores da Música Popular brasileira.

<sup>5</sup> Poeta popular brasileiro de Puxinanã, no Estado da Paraíba. Declamador de poesias populares. Nasceu em 1943 e faleceu em 2016.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

Dá-se, por ser uma fala de alma para alma, de interioridade falando a outras interioridades. A Poesia transmite sentimento e emoção. Pelo seu aspecto lúdico possui um linguajar rico em simbologias, analogias, comparações. Essa forma poética de se expressar é o seu diferencial no tocante à fala pedagógica, geralmente racional, direta, objetiva.

O cordel não foge a essa regra. Rico em simbologias, mitos, analogias, entra no imaginário coletivo e molda sentimentos. Rico em temática, indo do político como *Vida e Morte de Juscelino Kubtischek*, obra de fôlego de Severino Sertanejo, pseudônimo do paraibano Luiz Nunes,<sup>6</sup> ao fantástico como *A Vaca que Comia Dinheiro*, de Leandro Gomes de Barros, passando pelo cangaço (mais de dez mil títulos sobre cangaço, reunidos pelo pesquisador professor Matusalém),<sup>7</sup> pelo religioso, pelo cotidiano, pelo futebol. Esse pluralismo temático é positivo no processo de Ensino-aprendizagem, pois possibilita aos estudantes contato com temas outros que não constam em sua grade curricular.

Muitos pesquisadores do cordel tentaram tematizar a produção cordelística em áreas, o que gerou uma quantidade de análises que ora se assemelham, ora divergem totalmente. Não há que se deter nelas. O que elas nos dizem de mais importante é a extensa temática abordada pelos folhetos de cordel e por seus produtores, desde as suas origens, incluindo temáticas filosóficas, como a produção do professor, poeta e pesquisador Lindoaldo Campos,<sup>8</sup> que fez um volume com 11 cordéis tratando todos de temáticas filosóficas. Os cordéis do professor Lindoaldo possibilitam um contato com autores filosóficos e temáticas filosóficas. Trabalhados em sala de aula, dão um contributo ao processo de Ensino-aprendizagem. Conhecedor da Filosofia e da Poesia, o professor Lindoaldo soube unir com maestria, em cordéis, esses dois universos.

### AUTOR-LEITOR-TEXTO

A aplicabilidade da Poesia na escola, mais precisamente da Poesia em forma de cordel, há que levar em conta essa tríplice relação Autor-leitor-texto. A leitura é um processo interativo entre esses três elementos. Diz-nos a escritora Ana Elvira Gebara:

Para entender essa relação autor-leitor-texto, existem três elementos a serem considerados: autor, leitor e texto e, embora eles estejam numa situação dialógica, o que ocorreu durante muitos anos foi a atenção excessiva sobre um polo ou outro, sem que o todo pudesse ser retomado em sua dinâmica relacional (GEBARA, 2012, p. 19).

<sup>6</sup> Luiz Nunes Alves (Severino Sertanejo), poeta popular brasileiro, nasceu na cidade de Água Branca, Paraíba, em 16 de abril de 1934.

<sup>7</sup> Manoel Matusalém Sousa Nascido em Caxias, Maranhão, em 1950. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Licenciado em Teologia. Professor universitário. Escritor. Poeta (literatura de cordel). Padre casado. Sua tese de doutorado, de 2007, tem o título: "Cordel, Grito do Oprimido - Uma Escola de Resistência à Ditadura Militar".

<sup>8</sup> Professor, poeta e escritor de São José do Egito, Pernambuco. Doutorando em Filosofia, Mestre, Licenciado em Filosofia e Bacharel em Direito. Autor de vários cordéis sobre Filosofia.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

Finda por tornar-se um reducionismo focar em um dos elementos em detrimento dos outros. Essa dialogicidade é importante e imprescindível para a aplicação da poesia na escola. O autor tem que dialogar com o leitor e ambos com o texto. A leitura envolve, necessariamente, essa relação. Quem lê, lê um texto e lê um autor. O autor, ao escrever, escreve para um leitor. Não havendo leitores, não existirão autores, nem textos. O mesmo raciocínio vale para as outras duas realidades. Sem texto, não existe autor, nem leitor e sem autor, nem texto, nem leitor. A vida de todos está imbricada nessa relação e nesse diálogo. O autor dialoga com o leitor e com o texto. O leitor há que dialogar com o texto e com o autor. É uma interação intrínseca que permite a existência e a permanência.

Não há uma valoração. Vale o autor mais que o leitor? Vale o texto mais que seu autor? Vale o leitor mais que o texto? Pensa-se que não se pode haver uma supremacia. É uma relação, na leitura, de iguais, em termos de composição poética e de existências, uma vez que cada um precisa do outro para existir.

Quem escreve, escreve para ser lido. Sem essa máxima, não haveria a razão de existir nem do autor, nem do texto. O que há são aproximações, relações íntimas, cumplicidade. O leitor, ao permitir que o autor lhe fale em seu texto, deixa-se penetrar em seu âmago. O autor, ao escrever, deixa-se revelar, em sua intimidade, ao leitor. O texto cumpre essa dupla função: diz a um a fala do outro. Permite que um acesse o outro do seu ponto de leitura. O texto diz e se diz. Também há silêncios nessa relação. Quando um diz, também não diz. E esse não dizer também faz parte da cumplicidade que envolve o ato da leitura.

Na utilização do cordel como ferramenta didática, metodológica e filosófica, urge, pois, levar em conta essa tríplice relação, ou seja, há que se ter atenção no autor, no texto e no leitor. Em trabalhos outros realizados, não em escolas, mas em atividades de SESC (Serviço Social do Comércio), em oficinas de Poesia que já ministramos, uma surpresa saltava aos olhos dos discentes: descobrir que o autor do texto lido reside em sua cidade ou é seu vizinho. Havia uma dupla descoberta: a do texto, novo para muitos, na linguagem e na forma e a do autor. Essa é uma particularidade do cordel: os autores estão próximos de nós. Próximos geograficamente e próximos nas formas de expressões, na linguagem, nos vocábulos, na mentalidade. Esse contributo é primordial. Quebra-se uma barreira intelectual, emotiva, psicológica, geográfica, uma vez que percebe-se a não distância entre autor, texto e leitor.

Alargam-se, pois, as possibilidades de interação ao se trabalhar o cordel em sala de aula. Possibilidades de trazer o autor para falar de sua produção. Possibilidades cognitivas, no sentido de aquisição de uma realidade que, mesmo, próxima, é ausente dos estudantes pelos muitos motivos anteriormente aludidos. E, mais pedagogicamente, causa uma aproximação entre a comunidade escolar e a comunidade no geral. Em muitas realidades, esses autores são pais de alunos, são os comerciantes, as pessoas com as quais interagimos no cotidiano.

A poética, em sua expressão cordelística, traz um contributo inestimável ao ambiente escolar. Seja na linguagem, seja na epistemologia com a possibilidade de novos modos de construir conhecimentos, seja na relação autor, texto e leitor, seja na relação humana que aproxima os distantes, através do diálogo. Diálogo possibilitado pela mediação da escola, sendo esse, talvez, seu mais importante papel. Esse diálogo é necessário. Cabe à escola propiciar esse diálogo, criando um espaço, um ambiente que lhe seja favorável. Possibilitando existência efetiva ao leitor, ao autor e ao texto. Também à poética como forma de expressão viva, capaz de contribuir à relação Ensino-aprendizagem.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

**Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível**

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

**CORDEL E FILOSOFIA: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA TRIÁLOGAL.**

Ensinar Filosofia, já o dissemos, é um grande desafio. Desafio que principia pela metodologia. Deve-se ensinar a História da Filosofia, a vida dos filósofos ou os pensamentos filosóficos? Ou ainda, dar prioridade à construção da atitude filosófica, do filosofar em sala de aula? Por onde começar? Quais lacunas estão em cada escolha que eu fizer? Quais possibilidades se me apresentam na escolha didática?

Perguntas demais para respostas de menos.

Outra dificuldade é o forte eurocentrismo filosófico. Para a maior parte dos livros didáticos e seus feitores só há Filosofia na Europa. Os nomes, a geografia filosófica, as ideias, os sistemas são europeus. Compõe-se um entrave até pronunciar o nome do filósofo. Os livros didáticos tem que trazer, em parênteses, qual é a pronúncia correta daquele autor, por exemplo, Camus (Cami), Jean-Jacques-Rousseau (Jân Jake Russô), Descartes (Decart) e por aí em diante.<sup>9</sup> Sem falar na linguagem filosófica que não é de fácil compreensão.

Outro desafio é a dificuldade de lidar com a diversidade dos estudantes, com a pluralidade da escola. Não há Unicidade em sala de aula. Ela se constitui um micro espaço geográfico, cultural, psicológico, sexual. E a Educação que se dá, em aulas expositivas ou não, pretende-se Una. A fala do professor é para todos e cada um apreenda do jeito que puder ou quiser. A pluralidade é bela. Não se põe contra ela. O que se constitui a dificuldade é o modelo escolar, é a aula. É ali que se encontra a dificuldade.

Estes, e outros desafios se apresentam ao professor de Filosofia. Quando propõe-se o Ensino de Filosofia através do cordel, não se procura dirimir esses problemas. Não se pretende resolvê-los. Até porque nem se tem força para tanto. O que se pretende é facilitar o acesso à Filosofia, mediante a linguagem poética, rimada, o que não diminui em nada o ideário filosófico, a episteme filosófica, mas pode potencializar a atitude de filosofar.

Não se substitui o autor filosófico, tampouco o texto filosófico. Apenas aborda-se a questão por outro ângulo, apenas abordam-se os problemas por meio de outra linguagem, outro discurso, isto que é, do ponto de vista pedagógico, de considerável importância. Por isso, fala-se, nesse artigo, em triálogo. O saber do cordel e suas peculiaridades, o saber filosófico e a pedagogia em um triálogo, onde cada um se afirma sem negar o outro.

Uma pergunta salta aos olhos: É possível esse triálogo em sala de aula? Viu-se que é possível o diálogo epistêmico entre a Filosofia e a Poesia. Viu-se que também é possível o diálogo entre a Poesia e a sala de aula, apesar das dificuldades – apesar do forte pré-conceito – em implantar a Poesia na escola.

Agora nos ocuparemos com uma terceira questão, qual seja, ensinar Filosofia através da Poesia e, principalmente, através da Poesia de cordel. Faremos a partir de agora algumas considerações no sentido de vermos as possibilidades de utilização dessa prática pedagógica.

Segundo Souza; Praxedes e Lima Neto:

Com a discussão em sala, é possível desenvolver a criticidade a partir do momento em que os discentes expõem seus questionamentos e suas

<sup>9</sup> Veja-se, por exemplo, os livros didáticos do Sistema Positivo ou do Sistema Exponte.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

opiniões sobre o assunto absorvido por meio da leitura, em concomitância ao estudo da filosofia nas aulas. Assim, utilizaremos como corpus para esta proposta específica a leitura literária da poesia *O Mito da Caverna* – Em cordel, de Medeiros Braga, de modo a promover uma intertextualidade com o estudo filosófico do Mito ou *Alegoria da Caverna*, contido no livro *A República*, de Platão (SOUZA; PRAXEDES; LIMA NETO, 2015).

Didaticamente, salvaguardando as peculiaridades de cada educandário, propõe-se que se leia o texto filosófico e, posteriormente, leia-se a produção em cordel. O vice-versa também é possível. Respalda-se que o cordel não substitui o texto filosófico. Não é esse o seu objetivo.

Pode-se indagar: Se já se leu o texto, qual é, pois, a necessidade do cordel? Indagação válida e que merece um comentário. O cordel não pode substituir o texto filosófico. Sua função, nessa dinâmica, seria a de ofertar uma outra visão, uma outra interpretação, uma outra linguagem, poética, suave, atrativa, rítmica, que proporciona o processo de aprendizagem, conquanto facilita o processo mnemônico e possibilita uma outra visão da realidade, uma outra percepção – também cognitiva – do mundo.

Dizem-nos Souza; Praxedes e Lima Neto que

A partir disso, o trabalho com a apresentação do cordel, o qual é um gênero literário poético de caráter popular, é capaz de favorecer a aprendizagem do aluno, e isso porque ao ter contato com esse tipo de leitura, o sujeito poderá enriquecer mais seu conhecimento, pois ‘A cultura popular tem vitalidade e riqueza de experiências e privar os alunos de seu conhecimento é empobrecê-los cada vez mais’ (SOUZA; PRAXEDES; LIMA NETO, 2015).

Pode-se vislumbrar, assim, um ganho epistêmico, além de um ganho didático e pedagógico, que enriquece quem dá e quem recebe, ou seja, tanto o docente quanto o discente. Ganha-se também em coletividade, como prática em sala de aula, pois, segundo, Souza; Praxedes e Lima Neto

O texto deve ser lido em conjunto com os alunos, onde estes podem ir continuando a sequência da leitura do cordel, sendo assim uma forma de proporcionar também uma melhor interatividade à aula. Com isso é possível perceber a atratividade que a leitura pode causar, através da musicalidade envolvida na leitura dos versos, enriquecendo assim o entendimento do conteúdo estudado. (SOUZA; PRAXEDES; LIMA NETO, 2015).

A Poesia possui esse caráter comunitário, uma vez que é sempre vivida em contato com os outros. A experiência do poeta e seu aspecto criacional, podem ser individuais, como o são, mas a experiência coletiva se faz notar no jogral, no recital, na declamação, dando à Poesia um caráter eminentemente comunitário. Esse aspecto comunitário possibilita a troca

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.32>**Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível**

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

de informações, de saberes, de conhecimento e de experiências. Como a Filosofia também possui esse caráter comunitário há uma identificação entre ambas.

Chama atenção Natan para a musicalidade envolvida nos textos. O cordel possui uma musicalidade, que faz parte da sua herança da cantoria de viola, de onde ela é um dos ramos. Seja uma sextilha, uma décima, um galope à beira mar, a musicalidade é presente também por causa da métrica e do ritmo. Ritmo e rima tem o mesmo sentido, qual seja, a repetição para produzir um som estético. Pensa-se que essa musicalidade própria dos textos de cordel se constitui uma metodologia que favorece a aprendizagem dos estudantes.

Pode-se pensar – sem se constituir um absurdo – a Poesia na sala de aula, o cordel na sala de aula e o cordel nas aulas de Filosofia. A inserção da literatura poética nas aulas pode contribuir para uma melhor aprendizagem do conteúdo, pois o cordel possibilita uma outra abordagem temática, pedagógica. Uma vez que a Poesia incita a sensibilidade, no sentido de provocá-la, se constitui como um método didático para o educador utilizar em sala de aula, assim como também possibilita aos educandos novas experiências de aprendizado. Essa experiência pode ser textual, uma vez que tem contato com um texto diverso e pessoal, uma vez que conhece o autor do texto, o poeta, o cordelista.

Porém, uma *conditio sine qua non* para que a Poesia seja levada à sala de aula e que o cordel seja utilizado nas aulas de Filosofia é que cada área de conhecimento se disponha, pedagogicamente, a dialogar com as demais. É a interdisciplinaridade. Como a temática do cordel é vária, ela pode ser utilizada nas várias áreas do conhecimento. Porém, cumpre que tais áreas estejam dispostas a dialogar com o cordel.

Uma das características do diálogo é saber ouvir. Ouvir é dar permissão para o outro falar. E se o outro fala, é porque tem algo a dizer. Mas, para o dizer, urge que alguém ouça. Ouvir é estar disposto também a seguir o que o outro tem a dizer, seguir sua proposta. Tem, pois, uma praticidade no ato de ouvir. Ouvir implica que há algo que não sabemos e o outro vai nos dizer. Ouvir, para falar. Falar ao outro sem ouvir o outro, não é diálogo, é monólogo. E pode haver monólogos paralelos. (CÂMARA, 1995).

A Poesia, e mais precisamente, a Poesia de cordel, tem que ser ouvida. Ela tem algo a dizer à Educação e à Filosofia. E também quer ouvi-las. Urge que a Educação e a Filosofia ouçam o que a Poesia tem a lhes dizer. E que também lhe fale. Assim, o diálogo, ou melhor, o triálogo, poderá acontecer.

Sem a abertura ao diálogo epistêmico não é possível que se leve a Poesia à escola. Na prática, cumpre que a academia, os Sistemas de Ensino, as Instituições de Ensino, e todos seus segmentos não mais olhem para o cordel como subliteratura, como literatura menor, indigna de desfilar nas academias. A academia sofre uma espécie de “ditadura da episteme”, que não aceita a fala se não for uma fala embasada em determinadas condições de produção, se não for dentro de regras bem definidas. Testemunha a nosso favor o fato de vestibulares não trazerem questões da literatura popular, salvo uma exceção ou outra, bem distantes no tempo e no espaço. Em outras palavras, Rogaciano Leite<sup>10</sup> (Poeta de Itapetim, em Pernambuco) não “entra” na Universidade. Drummond<sup>11</sup> não “sai” dela.

<sup>10</sup> Rogaciano Bezerra Leite foi um poeta popular brasileiro, nascido em Itapetim, Pernambuco, em 1920 e falecido no Rio de Janeiro em 1969. Autor do livro *Carne e Alma*, publicado em 1948.

<sup>11</sup> Carlos Drummond de Andrade, poeta mineiro nascido em 1902 e falecido em 1987. Considerado pela crítica como um dos mais influentes poetas brasileiros do século XX.

DOI: <https://doi.org/10.25244/tf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

Não queremos, com isso, que Drummond saia da Universidade. Dista disso a nossa fala. O que se alerta é para o fato de uma produção tão rica como a Poesia Popular e o cordel nela inserido, não tenham espaços na Academia e nas Instituições de Ensino, em geral. Fato que contribui para o pré-conceito. Fato que, empiricamente, leva o discente a conhecer Goethe, Rainer Maria Rilke, Gibran Khalil Gibran (Gênios poetas e pensadores), por exemplo, mas quando se trata dos poetas mais próximos à sua realidade, à sua cultura, à sua geografia, haja um desconhecimento total, porque a Academia, os Sistemas de Ensino, as Instituições de Ensino não os consideram dignos de estudo.

Cumpra que se olhe para o outro com um novo olhar, com ar de recebimento e não de isolamento por superioridade. A superioridade epistêmica barra o diálogo se o outro com quem diálogo não é visto em condições de igualdade. Cumpra um diálogo de iguais, salvaguardando-lhes as peculiaridades. Diálogo também pode ser entendido como a negação da minha razão. Sendo que quando vou dialogar com minha razão já afirmada, não há necessidade mais do diálogo, pois o outro se constitui numa não-razão.

Urge que a pedagogia se abra a novas possibilidades. Que não se feche em suas metodologias e teorias, sem se abrir ao novo que se lhe apresenta aos olhos. Assim procedendo em sua prática, possibilita a inserção de novas práticas possíveis.

Como falamos em triálogo, também cumpre à Poesia, mais precisamente ao cordel, dialogar de igual para igual com o Ensino de Filosofia, dando de si e dele recebendo. Assim, o triálogo torna-se possível e quem mais ganha é a relação Ensino-aprendizagem, princípio e meta de toda discussão até aqui tratada.

Trabalhar com a literatura de cordel nas aulas de Filosofia pode contribuir para que os estudantes desenvolvam um modo de pensar mais crítico e criativo (criador de propostas) sobre a realidade. Sendo críticos e criativos, podem desenvolver, os estudantes, uma escrita autoral. Não se trata só de absorver, cognitivamente, saberes do cordel e da Filosofia. Também se trata de produzir saberes a partir do diálogo travado com o texto poético e com o texto Filosófico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio de que é possível um diálogo, em tudo que alcança a palavra, interdisciplinar, sugere-se a implantação da poesia, em sua manifestação cordelística, em sala de aula. A Filosofia e a Poesia podem – e devem – estabelecer um diálogo entre si. Diálogo que pode – e deve – ser estendido à educação, à prática pedagógica em sala de aula, ao Ensino de Filosofia.

Para que essa prática seja efetivada, urge que a Poesia não mais seja vista e, conseqüentemente, tratada como inferior, subalterna, subliteratura, como atesta Marco Haurélio, pesquisador, professor e cordelista baiano. Essa “superioridade” requisitada pela academia como um todo, ao invés de favorecer o diálogo, finda por se tornar um entrave que nega o diálogo. O diálogo só pode ser feito se por iguais, mas com pensamentos distintos,

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.32>

## Poesia, filosofia e educação: um triálogo possível

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

versões outras que possam ser colocadas em questão. Porém, se uma das versões já se apresenta com única, absoluta, o diálogo não pode acontecer.

A Poesia pode prestar contributos à Educação e ao próprio Ensino de Filosofia. Um dos contributos constitui-se na linguagem, uma vez que ela pode trazer à sala de aula, a linguagem poética, rica de símbolos, analogias.

O cordel, produção tipicamente brasileira, e mais ainda, tipicamente nordestina – embora se faça cordel em outras regiões – pode dialogar com a Filosofia e com o Ensino de Filosofia e com a Educação. Esse triálogo favorece uma prática pedagógica inovadora, que introduz o novo - metodológico e linguístico - em sala de aula. Uma das conquistas dessa prática é a relação autor-texto-leitor. Percebe o leitor – no caso, o discente – que o autor do texto lido mora na sua cidade, é seu vizinho. Essa proximidade é geográfica, mas também linguística e cultural. Falam a mesma língua, são membros do mesmo universo cultural.

Assim sendo, um triálogo que envolva a Filosofia, o cordel e a Educação pode favorecer a relação Ensino-aprendizagem, princípio e meta de todo debate pedagógico. Um triálogo que faça crescer os envolvidos, que possibilite a existência, sem negar existências outras, é possível no contexto da sala de aula.

Estudar Filosofia através do cordel não implica a negação dos textos e autores filosóficos. Longe disso. Implica, outrossim, dar uma nova visão sobre esses autores e sobre esses textos. Essa a proposta filosófica desse artigo. Olhar os textos e autores de Filosofia, através dos óculos da produção cordelística.

A utilização da literatura de cordel no Ensino de Filosofia pode contribuir na aquisição de uma nova percepção literária, textual, social, cognitiva. Possibilita um olhar crítico sobre a realidade, sobre a vida. Contribui também como promotor de criações próprias dos estudantes - experiência que temos feito em Oficinas Literárias. Essa relação da literatura de cordel com o Ensino de Filosofia também favorece o acolhimento das diferenças, à medida que as áreas do saber se abram ao novo, sem rotulações ou preconceitos. Ainda favorece interpretações outras sobre a realidade.

## REFERÊNCIAS

BOA, Geraldo Fernandes Fonte. Filosofia e Poesia: a Linguagem Como Ponte e Não Como Ponto. **Revista Digital FAPAM**, Pará de Minas, v.6, n.6, 134-141, dez. 2015.

CÂMARA, Dom Hélder. **As Sete Palavras de Cristo na Cruz**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997.

CAMPOS, Lindoaldo. **Coleção Filosofia em Cordel**. Editor: Israel Maria dos Santos Segundo. Diagramação: Agostinho Francisco dos Santos. Gráfica Seridó/Caicó-RN, 2015. (ISBN 9788591711963)

DURANT, Will. **Os Grandes Pensadores**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1967.

DOI: <https://doi.org/10.25244/uf.v12i1.32>

**Poesia, filosofia e educação: um diálogo possível**

CARVALHO, Flávio; SANTANA, G. F.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: O Nascimento do Ocidente**. São Paulo. Brasiliense. 1995.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A Poesia na Escola**. São Paulo: Ed. Cortez. 3ª Edição. 2012.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. Riacho de Santana: Editora Claridade, 2010.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de Cordel: Do Sertão à Sala de Aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

JAEGER, Werner. **Paideia: A Formação do homem Grego**. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 3.ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

PRADO, Adélia. **Poesia Reunida**. São Paulo: Saraiva. 1999.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco e Roma: O mundo Grego no Império**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. 2016

SOUZA, Natan Severo de; PRAXEDES, Maria Fernandes de Andrade; LIMA NETO, Isaías Serafim de. A poesia como instrumento didático de reflexão no ensino de filosofia: diálogo possível. **II CONEDU – Congresso Nacional de Educação**. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO\\_EV045\\_MD1\\_SA6\\_ID2059\\_17082015161431.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA6_ID2059_17082015161431.pdf). Acesso em 25/07/2019.